

Índice

Nota prévia	11
1. O bastão do cego	13
2. A imaginação corpórea de Fernando Pessoa	35
3. Para uma arqueologia da liberdade	43
4. Diagramas de sensação	61
5. Francis Bacon: caos e probabilidades	77
6. Encontros fortuitos	89
7. Lógica do espaço qualquer	101
8. A contradição que não se comunica	117
9. No meio das imagens: Fra Angelico	129
Obras citadas	143

Nota prévia

Pontas soltas surgem também quando dois pensamentos se encontram para explorar um terreno comum. Surpresa do encontro que reforça as diferenças e torna as afinidades mais firmes e, paradoxalmente, mais obscuras: de onde vêm os ângulos divergentes senão da fonte que os alimenta? Espaço diáfano, espaço qualquer, diagrama, imaginação corpórea, liberdade ecológica: trajectos tanto mais díspares quanto mais se aproximam da singularidade original — em afirmação, cada um, da sua própria maneira de ver. Pontas soltas que se multiplicam na insistência do pensar.

Os primeiros três textos são de José Gil, os seis últimos de Ana Godinho.

1.

O bastão do cego

Como é que conhecemos imediatamente, sem pensar, qual a distância que vai de um qualquer ponto do espaço até ao nosso corpo? Do mesmo modo, sem calcular nem reflectir, levamos a mão ao sítio exacto da pele que nos faz comichão. Esta questão banal põe difíceis problemas sobre a natureza do espaço do corpo e sobre as operações que dele derivam — e tem implicações em múltiplos domínios, tais como a formação da noção de espaço ou o processo de criação artística.

Descartes — e a geometria natural

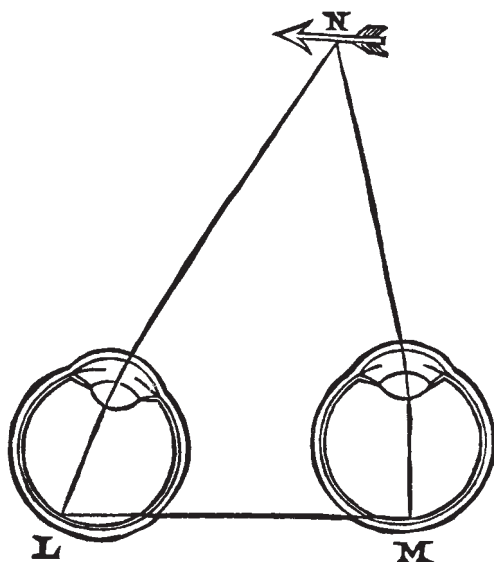
Descartes confrontou-se com o fenómeno da imediatez da percepção da distância. No *Tratado do Homem*, começa por distinguir a percepção “relativa a um só sentido”, como a percepção das cores, da “da situação, da figura, da distância, do tamanho, e outras qualidades semelhantes que não se reportam a um só sentido em particular, [...] mas que são comuns ao tacto e à vista, e mesmo, de qualquer maneira, aos outros sentidos”. (Descartes, 1988, p. 421). Poderíamos julgar que Descartes antecipa a noção de tradutor abstracto transmodal que permite estabelecer correspondências entre os diversos sentidos. Mas trata-se, antes, da noção aristotélica de “sensíveis comuns”, oposta aos sensíveis particulares, próprios de cada sentido. Talvez Descartes considere que a universalidade está presente nesses sensíveis, o que

anunciaria já a ideia de o sensível, assim como o corpo, ser construído por inteligíveis, como o ponto, a recta e o plano — ideia que aflora também na constatação de o corpo humano aplicar, na percepção do espaço, uma “geometria natural”.

Como é que o corpo apreende, sem reflexão, a distância que o separa de um objecto no espaço? A descrição do processo é geométrico-mecânica, implicando uma perfeita homologia entre o espaço geométrico e o espaço físico:



Observai também (Fig. 1) que, se as duas mãos, f e g , seguram cada uma um pau, i e h , com os quais elas tocam no objecto k : se bem que a alma ignore, de resto, o comprimento desses paus, ainda assim, porque ela conhecerá a distância que há entre os dois pontos f e g , a grandeza dos ângulos fgh , e gfi , ela poderá conhecer, como por uma geometria natural, onde se encontra o ponto k . E, da mesma forma (Fig. 2), se os dois olhos, L e M , estão voltados para o objecto N , o comprimento da linha LM e a grandeza dos ângulos LMN , MLN far-lhe-ão conhecer onde encontra o ponto N . (Descartes, 1988, pp. 428-429)



A operação consiste no cálculo da distância do vértice do triângulo isósceles a partir do comprimento da base e dos seus ângulos. Mas a alma não calcula, não opera com deduções e inferências, ela encontra o ponto de forma intuitiva, imediatamente, ou, como diríamos nós, “inscientemente”. Mas como não há inconsciente para Descartes, como funciona a “geometria natural” cartesiana?

A *Dióptrica* pode ajudar-nos a compreender melhor a percepção automática da distância. A homologia é clara entre a geometria natural, que estrutura os braços, as mãos e a postura corporal, e a que estrutura a visão binocular. Por outro lado, supõe-se que a geometria do corpo prolonga a geometria do espaço físico. É a mesma geometria objectiva que dispõe as coisas no espaço e ordena as posições dos membros do corpo — ordenação geométrica que se traduz fisicamente nos movimentos mecânicos dos nervos. A geometria analítica cartesiana assegura rigorosamente as correspondências entre o espaço dos órgãos do corpo e o próprio espaço.

O texto da *Dióptrica* começa pela percepção da situação, para descrever em seguida a da distância, que depende daquela:

Quanto à situação, quer dizer, ao lado em direcção ao qual está disposta cada parte do objecto relativamente ao nosso corpo, nós não

o percebemos diferentemente através dos olhos e através das mãos; e o seu conhecimento não depende de nenhuma imagem nem de nenhuma acção que venha do objecto, mas unicamente da situação das pequenas partes do cérebro de onde os nervos têm a sua origem. Porque esta situação, por pouco que se mude, muda de cada vez a dos membros em que esses nervos estão inseridos, é instituída pela Natureza afim que, não somente a alma conheça em que sítio está cada parte do corpo que ela anima, relativamente a todas as outras, mas também que ela possa transferir daí a atenção para todos os lugares contidos nas linhas rectas que podemos imaginar serem traçadas da extremidade de cada uma das partes, e prolongadas ao infinito. (Descartes, 1988, p. 704)

Extraordinário texto: o homem é capaz de determinar imediatamente a posição de uma coisa no espaço porque projecta (“transfere”, escreve Descartes) a posição relativa das partes do seu corpo na posição da coisa relativamente à posição do corpo no espaço. Isto é, o mapa espacial das coisas no espaço relativamente ao corpo reproduz o mapeamento que a Natureza “instituiu” das partes do corpo relativamente umas às outras (e, supõe-se, de cada parte relativamente ao todo). Mas este mapeamento não implica uma semelhança de imagens, não se trata da reduplicação de uma imagem (do mapa) das partes do corpo no mapa das coisas do mundo. Porque, nesta projecção ou “transferência” de dentro para fora, não se recorre a nenhuma imagem das coisas ou das partes do corpo, mas unicamente à *posição* de cada coisa ou de cada parte. São mapas de pontos geométricos, situados no espaço. Para que haja correspondência entre o mapa exterior e o mapa interior, é preciso que à situação relativa dos pontos no espaço exterior responda uma situação semelhante dos membros do corpo à qual corresponde uma situação dos nervos que esses membros encerram, à qual, por sua vez, corresponde a situação das “pequenas partes do cérebro em que esses nervos se inserem”.¹

1 Esta descrição é puramente anatómica. A fisiologia da percepção, que faz intervir os “espíritos animais”, é ainda mais complexa e pormenorizada, como mostra o *Tratado do Homem*.

Eis a grande rede fractal que a geometria natural supõe. O mapa da posição geométrica dos nervos é o grande mediador entre o espaço exterior e o espaço interior do corpo. Funcionando à maneira de sensores, apreende a situação dos pontos exteriores ao mesmo tempo que comunica ao cérebro a situação relativa dos membros do corpo, permitindo desse modo que a situação das “pequenas partes do cérebro” reproduza, por homologia, a correspondência entre o mapa das coisas e o mapa das partes. Tudo isto se faz inconscientemente. A adequação entre todos estes mapas, a harmonia do seu funcionamento, que a alma apreende sem mediações reflexivas, resultam da “instituição da Natureza” — o que remete, na metafísica cartesiana, para Deus.

O seguimento do texto reforça a ideia de um conhecimento “inconsciente” pela alma, utilizando o exemplo do cego.



Como quando o cego, de que já tanto falámos anteriormente, volta a mão A para E, ou C também para E, os nervos inseridos nessa mão não causam uma certa mudança no cérebro, que dá maneira à alma de conhecer não só o sítio A ou C, mas também todos os outros que estão na linha recta AE ou CE, de tal modo que ela pode levar a sua atenção até aos objectos B e D, e determinar os lugares onde se encontram, sem por isso, de modo algum, conhecer ou pensar nos lugares em que se encontram as suas mãos. (Descartes, 1988, pp. 704-705)